




#cm

2

FIM DE SEMANA

<p>Mauro Senise e Gilson Peranzetta juntos na Lagoa</p> <p>PÁGINA 3</p>		<p>Exposição no CCBB recebe 30 mil visitas em uma semana</p> <p>PÁGINA 15</p>		<p>Halloween: um roteiro de delícias e travessuras</p> <p>PÁGINA 16</p>	
---	--	---	---	---	---



Divulgação

Curador do festival, o oboísta Harold Emert participa do concerto de abertura do 15º RioWindsFestival

15ª edição do RioWindsFestival reúne instrumentistas de cinco países em 14 concertos gratuitos que transformam espaços históricos cariocas em palcos para a música de sopro

Por AFFONSO NUNES

O Rio recebe, durante todo o mês de novembro, uma programação que consolida a cidade como referência internacional na música de sopro. A 15ª edição do RioWindsFestival promove 14 concertos gratuitos em espaços históricos e culturais, reunindo instrumentistas do Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Uruguai e Alemanha em apresentações que abrangem desde o repertório barroco até composições contemporâneas. O festival, que integra o ciclo Música no Museu Internacional 2025, marca também a celebração do Dia Nacional da Cultura, no dia 5 de novembro, com apresentação especial no Centro Cultural Banco do Brasil. **Continua na página seguinte**

Evento democratiza acesso à música de concerto



Cosme Silveira



Inês Coira



William Wielgus



Ernesto Leston



Pierre Descaves



Colin Foster

A trajetória do RioWindsFestival reflete uma iniciativa singular no cenário cultural brasileiro. Criado em 2010 pelo oboísta estadunidense naturalizado brasileiro Harold Emert, ex-integrante da Orquestra Sinfônica Brasileira, o evento nasceu da experiência do músico com festivais internacionais dedicados aos instrumentos de palheta dupla realizados nos Estados Unidos, Argentina e Austrália.

Ao longo de 15 anos ininterruptos, sempre em novembro, o festival ampliou seu escopo original para abarcar praticamente todos os instrumentos de sopro, de flautas a saxofones, clarinetes, fagotes e corne inglês, além de formações corais. A curadoria de Emert mantém como princípio fundamental a democratização do acesso à música erudita, com todas as apresentações gratuitas em locais de grande circulação pública.

“Quando comecei o RioWindsFestival, em 2010, queria trazer ao Brasil a energia dos festivais internacionais dedicados aos instrumentos de palheta dupla. Hoje, ver essa iniciativa completar 15 anos e integrar músicos de tantos países e de quase todos os instrumentos de sopro é uma grande realização. O Rio realmente se transforma na capital mundial dos sopros em novembro”, afirma Harold

Emert. O curador destaca que a longevidade do projeto, vinculado ao Música no Museu que completa 28 anos de atividades em 2025, demonstra a viabilidade de iniciativas culturais consistentes que aliam qualidade artística e acessibilidade popular.

A programação desta reforça a dimensão internacional conquistada pelo festival. A abertura do festival, neste sábado (1), na

especial da atriz e narradora Phylis Huber e dos percussionistas brasileiros Vania Santa Roza e Péricles Monteiro, além de recital no Museu da Justiça ao lado da pianista Míriam Grosman.

A presença uruguaia se faz representar pela pianista Mariana Airaud e pela atriz Inês Coira, que se apresentam com o oboísta brasileiro Ernesto Leston. O flautista inglês Colin Foster integra a apresentação do Coral Riviera del Fiori no histórico Forte de Copacabana, sob regência do maestro José Machado.

O concerto comemorativo do Dia Nacional da Cultura, no dia 5 de novembro, apresenta o recital “Uma Viagem através da Flauta”, com Vinicius Marinho, Iun Chicaro e Maria Luisa Lundberg, no Centro Cultural Banco do Brasil. Entre os destaques da programação estão ainda o Grupo Vocal BateBoca, com direção musical de Deco Fiori e direção cênica de Leticia Carvalho, no Centro Cultural Justiça Federal, o Grupo de Flautas Doces Fino Som, também no CCB, e o duo formado por William Wielgus ao oboé e Matthew Van Hoose ao piano, com programa dedicado a Tchaikovsky, Koechlin, Wilhelmine von Bayreuth e Johann Sebastian Bach. O Museu da República recebe o Duo Opala, com Stefano Bravo ao piano e Pierre Descaves ao corne inglês, e o encerramento do festival, no dia 30 de novembro, com Jorge Saraiva ao piano e Leandro Turano à escaleta.

No dia 15 de novembro, simultaneamente às atividades no Rio, a pianista Fernanda Canaud se apresenta em Covilhã, Portugal, com recital em homenagem à Proclamação da República do Brasil, enquanto em Munique, Alemanha, o Quarteto Munich de Harpas, sob direção de Lara Fonseca, dá continuidade à versão europeia do XX RioHarpFestival. A programação internacional se completa no dia 29 de novembro, na Itália, com apresentação do harpista Enrico Euron. Paralelamente aos concertos, o Instituto Cultural Música no Museu promove, no dia 3 de novembro, na Biblioteca Nacional, mais uma edição do ciclo de palestras “Os Sons do Brasil”, desta vez dedicado à música da Região Centro-Oeste.

“Sinta a magia dos sopros e venha celebrar a música com a gente. Esperamos por vocês”, convida Sérgio da Costa e Silva, diretor da série Música no Museu.

SERVIÇO

XV RIOWINDSFESTIVAL

De 1 a 30/11

Entrada gratuita em todos os concertos
Informações e programação completa:
www.musicanomuseu.com.br

Igreja da Lapa dos Mercadores, reúne o trio formado por Cosme Silveira ao fagote, Harold Emert ao oboé e Mara Lucia ao violão, com programa que transita de Telemann a Noel Rosa, passando por Piazzolla e Benjamin Britten.

O oboísta estadunidense Ian Davidson participa de três apresentações, incluindo um concerto no Museu Naval com participação

35 anos de parceria em nome da boa música

Gilson Peranzzetta e Mauro Senise apresentam repertório que mescla composições autorais e clássicos da MPB na Casa Museu Eva Klabin

Por Affonso Nunes

A parceria de 35 anos entre o pianista Gilson Peranzzetta e o saxofonista Mauro Senise será celebrada neste sábado (1) em apresentação da dupla nos jardins da Casa Museu Eva Klabin, na Lagoa. O espetáculo “Viva a MPB!” promove um diálogo entre a produção autoral de Peranzzetta com obras de compositores fundamentais da música brasileira como Tom Jobim, João



Marcelo Castelo Branco/Divulgação

Gilson Peranzzetta e Mauro Senise têm 13 álbuns em conjunto

Bosco, Dorival Caymmi, Baden Powell e Pixinguinha.

O repertório do concerto inclui composições de Peranzzetta como “Preludio para Sebastião Tapajós”,

“Rota do sol”, “Cristal”, “Em paz” e “Caminho do mar”, além de “Amiga de verdade”, parceria com Aldir Blanc. Entre os clássicos revisitados estão “Bala com bala” (João Bosco

e Aldir Blanc), “Asa Branca” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) e “Cheguei”, de Pixinguinha.

A trajetória conjunta dos músicos rendeu 13 álbuns marcados

pelos arranjos elaborados assinados por Peranzzetta e pelas improvisações que caracterizam suas performances. O pianista carioca construiu carreira como compositor, maestro, arranjador e instrumentista desde meados dos anos 1960, colaborando com nomes como Simone, Elizeth Cardoso, Gal Costa e Gonzaguinha. Sua parceria com Ivan Lins estendeu-se por cerca de uma década, e seu trabalho alcançou projeção internacional em colaborações com artistas como Dionne Warwick e Lucho Gattica.

Senise, também carioca, é reconhecido como um dos instrumentistas mais influentes da música instrumental brasileira. Saxofonista, flautista, arranjador e compositor, formou-se com mestres como Odete Ernest Dias e Paulo Moura na década de 1970. Sua carreira inclui trabalhos ao lado de Hermeto Pascoal, Egberto Gismonti e Edu Lobo, além da fundação do grupo Cama de Gato, em 1985. Sua obra distingue-se pela fusão entre jazz e MPB, executada com virtuosismo técnico.

SERVIÇO

GILSON PERANZZETTA E MAURO SENISE

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480, Lagoa) 1/11, às 17h

Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Uma noite de sucessos

George Israel revisita parcerias com Cazuza e clássicos do Kid Abelha

Quatro décadas separam o jovem saxofonista que ajudou a fundar o Kid Abelha em 1981 do artista maduro que hoje revisita seu próprio legado. George Israel retorna ao Manouche neste sábado (1), às 21h, com o show “George Israel canta Cazuza e Kid Abelha”, celebrando uma trajetória que ajudou a definir os contornos do rock brasileiro.

Como compositor, Israel assinou mais de 80 canções, muitas delas em parceria com Paula Toller e Leoni no Kid Abelha, banda que integrou por três décadas e que se tornou uma das mais queridas do grande público. Músico versátil, o saxofonista transita entre o rock, o pop e a MPB com a mesma naturalidade.

Sua parceria com Cazuza re-



Divulgação

Israel celebra quatro décadas de carreira com show

presenta um dos capítulos mais significativos de sua obra. Juntos, compuseram 13 músicas que se tornaram fundamentais para

compreender a música brasileira dos anos 1980, incluindo “Brasil”, “Burguesia” e “Solidão que Nada”, sucessos incontornáveis da voz de

Cazuza, que nos deixou precocemente em 1990, aos 32 anos.

No show do Manouche, Israel apresentará sucessos como “Lágrimas e Chuva”, “Eu Tive um Sonho” e “Nada Sei”, além dos hits compostos com Cazuza e canções especiais como “Você Vai me Enganar Sempre”, “Faz Parte Do Meu Show” e “Nosso Amor a Gente Inventa”. A apresentação conta com uma banda completa e naipe de metais. (A.N.)

SERVIÇO

GEORGE ISRAEL CANTA CAZUZA E KID ABELHA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983) | 1/11, às 21h

Ingressos: R\$ 140 E R\$ 70 (meia solidária, com doação de 1kg de alimento não perecível ou livro)

Ao mestre com (muito) carinho

Victor Biglione apresenta no Manouche seu álbum em tributo ao violinista Luiz Bonfá

Por Affonso Nunes

Victor Biglione escolheu um caminho pouco óbvio para celebrar cinco décadas de trajetória musical: em vez de revisitar a própria discografia, o guitarrista e violonista decidiu prestar tributo a quem o marcou no início da carreira. O resultado é “Nos tempos do Jacarandá”, álbum totalmente instrumental que dialoga com o legado de Luiz Bonfá (1922-2001), especialmente com o disco “Jacarandá”, lançado em 1973 com arranjos de Eumir Deodato.

O projeto, que será apresentado nesta sex-



Marcelo Castello Branco/Divulgação

Victor Biblione assume influência direta de Luiz Bonfá

ta-feira (31), às 21h, no Manouche, recupera um elemento central daquele trabalho histó-

rico: a craviola de 12 cordas. O instrumento, que Bonfá apresentou ao mundo naquele ál-

bum e que posteriormente seria adotado por músicos como Jimmy Page, do Led Zeppelin, volta a soar nas mãos de Biglione como elo entre gerações.

“Eu fiz o que ele fazia também em muitos dos seus discos: interpretar vários compositores com abrangência internacional”, explica Biglione sobre a escolha do repertório. As nove faixas transitam de Milton Nascimento (“Paula e Bebeto”) aos Beatles (“Lucy in the Sky with Diamonds”), passando por Gabriel Fauré (“Pavane”), John Coltrane, Caetano Veloso e João Donato.

Ao lado do percussionista Sérgio Benchimol, Biglione assume a responsabilidade de realizar o que considera o primeiro álbum feito por um guitarrista em homenagem a Bonfá. A cantora Julie Wein faz participação especial interpretando “Manhã de Carnaval”, a composição que Bonfá eternizou e que se tornou fundamental para a visibilidade da música brasileira no exterior.

SERVIÇO

VICTOR BIGLIONE - NOS TEMPOS DO JACARANDÁ

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983) 31/10, às 21h

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária mediante doação de 1kg de alimento não-perecível ou livro))

ROTEIRO MUSICAL

P O R A F F O N S O N U N E S

Possato/Divulgação



Consagração

Depois do sucesso com “Xande Canta Caetano”, Xande de Pilares se apresenta neste sábado (1), às 21h30, no Qualistage, com um show marcado por sambas consagrados e inéditos, incluindo “Vento”, parte do projeto “Xande nos Braços do Povo”, seu próximo álbum. O álbum com releituras de Caetano rendeu ao sambista o Grammy Latino de Melhor Álbum de Samba/Pagode e a marca de 1 bilhão de streams.

Divulgação



É halloween

É noite de halloween e Rogério Skylab apresenta a “Trilogia da Putrefação” no Circo Voador nesta sexta (31), às 22h. O cantor e compositor músico vai interpretar canções dos álbuns “Trilogia da Putrefação – Vol. 1” e “Mesa de Dissecção”, além de outras insanidades clássicas e imperdíveis de sua discografia. Skylab aproveita a noite também para lançar “Homem-Urubu”, seu primeiro livro de contos.

Divulgação



De volta

Marcelo Rubens Paiva, autor de “Ainda Estou Aqui” — livro que originou o filme com Fernanda Torres e Selton Mello —, retorna ao Blue Note Rio neste sábado (1), às 22h30. Ele tocará gaita e cantará ao lado da compositora Luíza Villa, acompanhados por Fábio França, Arthur, Rick Villas-Bôas e Luli Villares. O repertório inclui clássicos dos Rolling Stones, Nina Simone, Billie Eilish, Neil Young e Bob Dylan.

Divulgação



Cinco décadas

Amelinha apresenta o show “Estação 50” no Teatro Rival Petrobras nesta sexta (31), às 19h30, celebrando cinco décadas de carreira. O repertório reúne hits como “Frevô Mulher”, “Foi Deus que fez você”, que rendeu disco de platina, além de “Mulher Nova, Bonita e Carinhosa Faz um Homem Gemer Sem Sentir Dor” e “Romance da Lua Lua”, além de canções de parceiros como Belchior, Fagner, Geraldo Azevedo e Ednardo.

SESC RJ APRESENTA

EXPOSIÇÃO

**SEMANA
QUE VEM
EU ME
ORGANIZO**

PERÉIO

Ele dizia o que ninguém queria ouvir.
A gente mostra o que ninguém viu.

Desenhos, vídeos,
poemas e muito mais.

1 NOV 25 — 22 FEV 26



SESC TIJUCA GALERIA DE ARTES
Rua Barão de Mesquita, 539
3º andar — Tijuca, Rio de Janeiro

terça a sexta 10h — 20h
sábado e domingo 10h — 17h
entrada gratuita classificação livre

'Nunca tive um reconhecimento crítico muito grande'

Tony Bellotto, vitorioso no Jabuti, fala de carreira nos livros e tratamento de câncer

Por **Walter Porto** (Folhapress)

Tony Bellotto está encantado desde a noite de segunda-feira (27), quando teve uma experiência bem diferente ao subir num palco. A plateia do Theatro Municipal do Rio de Janeiro o testemunhou receber, sorriso aberto sob o cabelo curto e grisalho, seu primeiro prêmio Jabuti pelo romance "Vento em Setembro".

"Nunca tive um reconhecimento crítico muito grande, ou até tive, mas nunca imaginei concorrer a prêmios como esse", conta ele à reportagem. "Quando o livro chegou aos finalistas, fiquei realizado. Não esperava ganhar do Chico Buarque, do Marcelino Freire. O livro do Jefferson [Tenório] é ótimo."

O escritor saiu depois para comemorar em família. Sua esposa e "primeira leitora sempre", a atriz Malu Mader, parecia tão exultante quanto ele na cerimônia. Na manhã seguinte, o guitarrista dos Titãs pegou o celular para contar a novidade a outra presença que tem sido frequente, a médica que acompanha seu tratamento de câncer no pâncreas.

Diz, rindo, que a mensagem foi "nada como um troféu Jabuti para



Tony Bellotto e Malu Mader, exultantes na plateia do Municipal, posam com o Jabuti

fazer a gente esquecer das mazelas". E tranquiliza seus admiradores ao contar que tem encarado a doença "de maneira pragmática e realista", após se recuperar bem de uma cirurgia recente.

Voltou a fazer shows. Diz que, durante a grande turnê que reuniu os Titãs há pouco, sentia um incômodo na coluna terrível como uma hérnia de disco. Nada a ver com a condição de hoje, mas ele lembra para contrastar com a "vida mais normal" que tem conseguido levar.

"Agora que tenho uma doença mais grave, ela não me incomoda tanto porque não dói. Estou naquela, um dia de cada vez", afirma o artista de 65 anos. "E me aprofundando nos meus conhecimentos de

zen budismo."

A vitória como romancista literário no Jabuti vem depois de 30 anos como escritor de tramas de suspense como as do detetive Remo Bellini, sucesso tamanho que foi ao cinema com Fábio Assunção no papel do investigador.

Boa-praça, Bellotto soa sincero ao dizer que não arrisca o que pode ter cativado os jurados do prêmio mais importante da literatura brasileira depois de 11 romances publicados, mas evita chamar de coroação de uma carreira longa, porque a celebração vem como um estímulo para fazer mais e mais.

Não quer dar detalhes sobre o novo livro que está quase finalizando, porque um de seus mestres, Ru-

ben Fonseca, ensinou que isso dá azar. Mas diz que desde a indicação do romance no Jabuti - o livro da Companhia das Letras também foi semifinalista do Oceanos -, já recebeu três propostas de diretores para transformar a obra em audiovisual.

"Vento em Setembro" é um livro que mistura as tintas do thriller às da autobiografia de formação, tiradas da juventude do autor no interior de São Paulo. Chama o processo de "meio psicanalítico", lembrando que se divertia ao levar até dúvidas de vírgula às suas sessões de terapia.

"Tem uma ironia, um sentido meio paródico que exagera a visão que eu tenho dos anos 1970, a quantidade de preconceitos, miso-

ginia, homofobia, opressão masculina que eu vivi na adolescência. Apesar de todo o painel que a história abre, ironiza e critica, é sobre uma busca de identidade."

Bellotto tem um discurso sólido para separar sua elaboração musical da literária - o título "Vento em Setembro", aliás, remete ao "Luz em Agosto" de um de seus autores favoritos, o americano William Faulkner.

"A canção é um trabalho, em princípio, coletivo", diz o compositor. "Quando começo a escrever música, já penso como aquilo vai soar quando eu mostrar para a banda, quando chegarem sugestões dos parceiros, quando outros instrumentos entrarem no arranjo."

Mas não é só isso. "O trato com a palavra é totalmente diferente, muito preciso, parecido com a poesia. Na prosa vem aquele fluxo, cada palavra não importa tanto quanto o ritmo da frase inteira. A letra de música é palavra por palavra. A prosa é frase a frase."

Desde moleque ele já se dividia entre tocar e escrever literatura, no começo coisas "muito ruins" inspiradas na sensação da época, os autores latino-americanos como Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa.

Aquilo ficou adormecido quando a música começou a "ocupar um espaço muito grande" nos anos 1980, com os Titãs. Voltou a pensar nisso no começo da década seguinte, estimulado por um professor de filosofia que era amigo de seus pais, Nilo Odália - homenageado com um personagem no novo livro.

Aí sua pegada literária já era outra. Mas quem espera encontrar a onda dos Titãs nos seus romances acaba frustrado. São manifestações muito diferentes de sua arte, o que é bom - e costuma ser regra.

"Alguns dos meus heróis roqueiros se aventuraram pela prosa. O caso óbvio é o Bob Dylan, mas o Pete Townsend do The Who também tem um romance recente. E você não encontra uma coisa na outra. Quando lê a prosa do Dylan, não tem a letra ou a melodia da música dele", afirma. "É quase como ser engenheiro e ser técnico de nataçõ."

Cristina Granato/Divulgação

CRÍTICA / TEATRO / CHOQUE! PROCURANDO SINAIS DE VIDA INTELIGENTE

Por Cláudio Handrey
Especial para o Correio da Manhã

Abismo alegórico

Dalton Valério/Divulgação



Danielle Winits alcança uma representação rara em sua carreira

Antonin Artaud, Bertolt Brecht, Bob Wilson, Gordon Craig, Samuel Beckett, estão presentes na encenação de Gerald Thomas. Uma mistura astuciosa, que critica a mediocridade em que estamos mergulhados. Com imagens exuberantes, o espetáculo é invadido por uma intensa teatralidade, na qual os devaneios da humanidade buscam sentido na contemporaneidade. A caixa cênica é exposta, o teatro desnudando sua essência, acolhe um cenário de Fernando Passeti, que se transforma durante a apresentação.

Surgem torres do urdimento, telas pintadas por Rinaldo Escudeiro e um rosto agigantado da atriz, numa referência à pop art de Andy Warhol, além de várias escadas irregulares, num contraponto de cores e escalas. Criativo e ousado, Thomas se mantém fiel ao experimentalismo, no qual se debruçou em montagens como “Eletra com Creta”, “Carmem com Filtro”, a “Trilogia Kafka”, “The Flash and Crash Days”, com Fernanda Montenegro e Fernanda Torres, entre outras.

Numa ideia de que forma é conteúdo, o diretor se inspira no pós-moderno, quebrando o conceito clássico do dramático, a psicologia dos indivíduos, em que a colisão dramática se despedaça. A visão contemporânea nos faz deparar com uma pluralidade, uma hetero-

geneidade, um viés ambíguo, híbrido do ato teatral, onde a contradição, fragmentação, anarquizam e desordenam a escrita cênica.

Numa atualização do próprio encenador, o texto da estadunidense Jane Wagner tornou-se um marco teatral, propagando hu-

mor ácido e crítica social. O monólogo, onde uma atriz/personagem questiona protótipos sociais, o mundo capitalista e a valorização de uma cultura de massa descabida, bestificando-nos a cada segundo, em que seres são considerados somente se alcançarem um epopeico número de seguidores nas redes sociais. A personagem vai se desequilibrando diante de tantas contradições humanas, falta de empatia, falta de memória, numa alusão de que a vida vem perdendo sentido.

Danielle Winits, muito bem conduzida por Thomas, implementa texturas dramáticas diversificadas, alcançando uma representação, na qual a atriz pouco se aventurou, manifestando estados de embriaguez e êxtase, rodeada por um elenco de apoio apropriado.

João Pimenta cria um figurino terroso, apocalíptico, que é trocado à vista do público, reforçando a quebra de paradigma do espetáculo. A irresistível luz de Wagner Pinto, em perfeita conexão com a proposta, ornamenta a parafernália, torna um ambiente poético, como a imagem de LED, tirando nosso fôlego, ao final. Thomas estabelece uma espécie de metateatro, em que o clima alegórico nos aproxima da nossa própria realidade nua, crua e por ora, desinteressante.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

O influenciador

Juliano Cazarre está em em “Compliance”, em cartaz até domingo (2) no Teatro I Love PRIO, interpretando Fabrício, um executivo que se tornou influenciador digital com milhares de seguidores. O personagem utiliza frases motivacionais e promessas de ascensão pessoal em suas transmissões ao vivo no Instagram. A peça se estrutura como uma dessas lives, mas em um dia atípico. O espetáculo aborda temas como cultura de autoajuda, empreendedorismo digital e os bastidores do universo dos influenciadores motivacionais.



Pamela Miranda/Divulgação

Rodrigo Menezes/Divulgação



Ciência ancestral

Estreia neste sábado (1), às 16h, no Teatro I do Sesc Tijuca, o espetáculo infantil “O Pequeno Cientista Preto”. O solo, escrito e interpretado por Junior Dantas com direção de Débora Lamm, narra a história de Zuni, menino curioso que sonha ser cientista inspirado pelos conhecimentos de sua avó Zilda sobre ervas e plantas medicinais. Acompanhado de Kito, amigo imaginário, o protagonista viaja em uma máquina do tempo e encontra referenciais negros brasileiros. O espetáculo aborda a ciência ancestral e os saberes tradicionais transmitidos entre gerações.

Orgulho e medo

O solo “A Construção”, com Marcelo Olinto, entra em chega a seu último fim de semana no Teatro Sesc Copacabana. O texto derradeiro do escritor checo Franz Kafka (1883-1924) narra a história de um texugo obcecado pela construção de sua toca subterrânea. Em cena, o ator interpreta o animal que oscila entre o orgulho pelo refúgio criado e o medo paranoico de invasões. A montagem utiliza a metáfora da toca-fortaleza para abordar questões humanas universais como a busca por segurança, a necessidade de abrigo e o temor da morte.

Nil Caniné/Divulgação



SHOW

NILZE CARVALHO E ANA COSTA

*A dupla comanda as terças-feiras de novembro do projeto Terças no Ipanema em show inédito que celebra o samba e a MPB. A cada noite, um convidado especial. Até 25/11, ter (20h) Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

INDIANA NOMMA

*Acompanhada de seu Jazz Quarteto, a cantora apresenta show especial dedicado às grandes divas do jazz. No repertório, clássicos que marcaram a história do gênero, como "Strange Fruit", "Night in Tunisia", "Caravan", "Shadow of Your Smile" e "Straight No Chaser". Sáb (1), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

MARIA MAUD

*Cantora que se destacou nas trilhas sonoras de "Renascer", "Travessia" e "Bom Dia, Verônica" apresenta suas canções. Sex (31), às 21h. JClub (Casa Julieta de Serpa - Praia do Flamengo, 340). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

NINAH JO

*Em comemoração aos 80 anos de Ivan Lins, a cantora passeia pelos grandes sucessos do compositor. Participação especial de Claudio Lins, filho de Ivan. Sex (31), às 20h. Palácio da Música (Rua Buarque de Macedo, 87, Flamengo). R\$ 50 (antecipado) e R\$ 60 (na hora)

TEATRO

UM JULGAMENTO - DEPOIS DO INIMIGO DO POVO

*Em seu retorno aos palcos, Wagner Moura idealiza, escreve e protagoniza dramaturgia baseada em texto clássico do norueguês Henrik Ibsen, com direção da premiada cineasta Christiane Jatahy. Até 3/11. Sex, sáb e seg (19h) e dom (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

DE REPENTE 27

*Referência teatral na Baixada Fluminense, a Cia. de Arte Popular celebra seus 27 anos de trajetória neste espetáculo com direção de Vinicius Baião. Até 1/11. Qui e sex (19h) e sáb (17h e 19h). Teatro Léa Garcia (Centro Cultural dos Correios - Rua Visc. de Itaboraí, 20). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Um Julgamento - Depois do Inimigo do Povo

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Márcio Monteiro/Divulgação



Ana Costa e Nilze carvalho

O MOTOCICLISTA NA GLOBO DA MORTE

*Em desempenho magistral, Eduardo Moscovis mostra neste solo, com texto de Leonardo Netto e direção de Rodrigo Portella, o tênue limite entre a civilidade e a barbárie. Até 14/12, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

A PÉROLA NEGRA DO SAMBA

Musical revela a trajetória da saudosa cantora e compositora Jovelina Pérola Negra, referência feminina do samba carioca. Até 9/11, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). *Sessões com intérprete de Libras e audiodescrição. A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Divulgação



A Sabedoria dos Pais

Divulgação



Maria Maud

Divulgação



Bebê e o Boi Babau

Van Brígido/Divulgação



Músicas que Fiz em Seu Nome

Andrea Rocha/Divulgação



Ritinha Rock & Roll – Rita Lee para Crianças

A SABEDORIA DOS PAIS

✱ Natália do Vale e Herson Capri celebram 50 anos de carreira neste reencontro nos palcos em montagem de texto inédito de Miguel Falabella que expõe com sensibilidade o amor na maturidade. Até 14/12, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

FUTURO

✱ Nesta colagem vertiginosa que questiona as IAs referências da cultura erudita e popular são misturadas caoticamente com a linguagem dos memes das redes sociais. Até 2/11, qui e sex (19h), sáb e dom (18h). Teatro Firjan Sesi - Centro (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

QUEBRANDO PARADIGMAS

✱ Espetáculo revisita a trajetória da identidade negra no Brasil num mergulho na história do país sob a perspectiva de um jovem negro de 23 anos. Até 9/11, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

MÚSICAS QUE FIZ EM SEU NOME

✱ Comédia musical com a atriz e cantora Laila Garin explora dilemas sobre sofrimento, memória e a busca pela perfeição através de canções brasileiras conhecidas pelo grande pública. Espetáculo marca a estreia de Laila como dramaturga. Até 9/11, qui a sáb (20h) e dom (17h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). A partir de R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

EXPOSIÇÃO

REFLEXOS, ENCLAVES, DESVIOS

✱ O artista plástico português José Pedro Croft reúne 170 obras que estabelecem um diálogo entre arte contemporânea e arquitetura histórica. Até 7/11, de qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

O UNIVERSO LÚDICO E CRIATIVO DE DENEIR MARTINS

✱ Exposição reúne 40 anos de uma criação singular de peças com materiais descartados. Até 3/12, ter a sex (10h às 18h) | sáb e dom (11h às 17h). Museu de Folclore Edison Carneiro (Rua do Catete, 179). Grátis

ISTO NÃO É UM PROMPT

✱ Mostra digital de Marlus Araújo reúne instalações de IA que reagem de forma autônoma em relação aos visitantes. Até sex (31), das 10h às 18h. Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40). Grátis

INFANTIL

RITINHA ROCK & ROLL - RITE LEE PARA CRIANÇAS

✱ Oitavo trabalho do projeto “Grandes Músicos para Pequenos”, a montagem acompanha uma menina que sonha em transformar o mundo com o rock. A trilha inclui sucessos como “Lança Perfume” e “Jardins da Babilônia”. Até 16/11. Sáb e dom (16h). EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

BEBÊ E O BOI BABAU

✱ Pistache, um bebê destemido, e o Boi Estêlo atravessam um universo de personagens mágicos. A dupla subverte regras, trazendo uma nova perspectiva sobre viver e morrer, numa celebração da diversidade cultural brasileira. Até 2/11. Sáb e dom (15h). Teatro III do CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

GEOMETRIAS DE LUZ

✱ Experiência interativa que mergulha nos elementos fundamentais da exposição de José Pedro Croft em cartaz no CCBB RJ. Com materiais simples, os participantes são estimulados e construir esculturas geométricas que revelam novas possibilidades de forma e percepção. Até 7/11. Sáb e fer (às 15h e 17h) | dom (11h, 15h e 17h). CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

ENTREVISTA / ROBERTA ELLEN CANUTO, JORNALISTA, PESQUISADORA E DIRETORA

‘A memória é catalizadora do novo’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Diretora de um documentário que é um mimo para a arte da recordação (“O Nascimento de H. Teixeira”, sobre a bamba das Letras), Roberta Ellen Canuto fez (e faz) de um tudo para que a divulgação científica, jornalística e afetiva do cinema brasileira preserve seus títulos. Escreveu um amarrado bonitão com as ideias, as cosmogonias e as provocações do realizador de “O Bandido da Luz Vermelha” (1968), chamado “Encontros: Rogerio Sganzerla” (lançado pela Azougue Editorial).

Hoje, em paralelo a seu trabalho na distribuidora Riofilme, ela dissecou nosso legado audiovisual com “Alberto Cavalcanti – Homem Cinema”, estudo sobre o realizador dos cults “Simão, o Caolho” (1952) e “Mulher de Verdade” (1954), nascido em 1897, morto em 1982, mas imortalizado com filmes que dirigiu Europa adentro.

Seu livro é uma Passárgada para memorialistas e um deleite para pesquisa. Na URL <https://sl1nk.com/lZXgt> é possível encomendá-lo. Sua escrita é tão saborosa quanto suas análises dialéticas. Ela joga holofotes sobre um criador cuja relevância para a consolidação do cinema como uma “artindústria” (palavra do próprio Cavalcanti) nunca foi reconhecida com a atenção devida. Há grandes trabalhos na filmografia dele, mas raramente eles ganham telas. Com “Canto do Mar”, ele concorreu no Festival de Cannes, em 1954. Antes, com “Nas Garras da Fatalidade”, disputou láureas em Veneza, em 1947.

Nascido no Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, Cavalcanti construiu sua trajetória na França, entre a década de 1920 e 1930,



Divulgação

e depois na Inglaterra, entre os anos 1930 e 1950, tendo filmado “O Sr. Puntilla E Seu Criado Matti” (1960) em terras germânicas. Durante a pesquisa, Roberta teve acesso a uma documentação inédita que estava em

sua residência quando faleceu, em 1982, em Montmartre, Paris. Essa documentação conta com os originais do sonhado livro de memórias que o cineasta acalentou ao longo da vida, além de sua certidão de óbito, car-

tas, cartões, roteiros de filmes, programas de peças teatrais que ele dirigiu na Europa e em Israel. A conversa a seguir com o Correio da Manhã celebra os achados que a jornalista fez ao estudar a obra do diretor, que foi determinante para a depuração (moderna) das estéticas documentais em sua incursão no Reino Unido (participando da criação de narrativas como “Night Mail”, de 1936). Ele ainda escreveu o seminal “Filme e Realidade”, nos anos 1950.

Depois da sua imersão no Cinema Marginal na obra de Rogério Sganzerla, você se lança sobre o diretor que engatou o Brasil com as telas do mundo. O que você levou dos dispositivos da sua pesquisa sobre o diretor de “O Bandido da Luz Vermelha” para o Brasil cosmopolita que Alberto Cavalcanti criou?

Roberta Ellen Canuto - Eu sempre me senti atraída por personagens outsiders. Não que o Cavalcanti seja um, no sentido clássico do termo, mas muito me intrigava o fato de ele ser tão reconhecido mundialmente, como um dos fundadores da linguagem cinematográfica... com longos verbetes nas enciclopédias internacionais, como na do Georges Sadoul; com direito a um acervo robusto no BFI e na Cinemateca Francesa... e ser completamente ignorado em sua terra natal. Essa percepção de alguma forma cria uma conexão com o Sganzerla: a “marginalidade” dentro do Brasil, escapando ao que foi sacralizado no altar do cinema brasileiro. Além disso, quando comecei a conhecer a obra do Cavalcanti, fiquei completamente fascinada por seu pioneirismo, pela forma como ele viveu o cinema visceralmente, criando técnicas pioneiras em todas as funções que exerceu: diretor de arte, cenógrafo, montador, roteirista e diretor. Além disso, ele foi um artista completo. Dirigiu até peças teatrais pelo mundo. Cavalcanti tem feitos extraordinários. Ele foi, por exemplo, o único parceiro que trabalhou ao lado do Brecht na adaptação de um dos seus textos para o cinema. Foi um homem moderno em plenitude, quando chegou à Paris do avant-garde, teve um papel fundamental para aquela geração que se formou ali, determinante para a história do cinema e da arte no mundo. O mesmo aconteceu na Inglaterra, junto ao (John) Grierson, Cavalcanti foi essencial para o futuro do documentário, como uma linguagem livre, poética e rica de sentidos.

De que maneira o livro mapeia a gênese artística de Cavalcanti e o legado que ele



Divulgação

'Simão, O Caolho' (1952) é um dos trabalhos de Cavalcanti no Brasil

Divulgação

Alberto Cavalcanti (1897-1982) dirigiu filmes em diferentes países da Europa

Divulgação

'Mulher de Verdade' teve sessão com cópia restaurada no Festival do Rio

deixou?

A princípio, minha pesquisa focava na relação entre o cinema de Cavalcanti realizado na Inglaterra, junto à General Post Office, e o neorrealismo italiano. Minha tese é de que Cavalcanti antecipou, junto à equipe do Grierson, muito do que se atribuiu historicamente como sendo uma descoberta, um pioneirismo estético e temático do cinema neorrealista pós-guerra na Itália. A fusão entre documentário e ficção; a valorização de personagens comuns, sobretudo do trabalhador; o traço poético no documental; iluminação natural; uso de não atores; filmagem em externas, entre outras características. Depois, eu me deparei, ao longo da pesquisa com toda uma documentação inédita, entre ela, os originais das memórias que o Cavalcanti quis publicar ao longo da vida, onde narra toda a sua trajetória no cinema. Decidi então incorporar isso à minha tese. Então, o livro traz reunida uma longa pesquisa sobre todo o percurso do Cavalcanti como realizador, além de se aprofundar em aspectos originais sobre

sua obra. No Brasil, a bibliografia sobre ele é bastante escassa, acho que esse livro preenche uma lacuna importante.

Os filmes de Cavalcanti têm fortuna crítica, mas raramente passam. Que sugestões você daria para quem quer conhecer seu cinema?

Quando fiz minha pesquisa, tive de recorrer a uma rede de amigos e admiradores de Cavalcanti, que me cederam cópias em DVD de seus filmes. Duas pessoas foram fundamentais nesse processo. Uma delas foi o Claudio Valentini, autor do livro "Alberto Cavalcanti", escrito com o Lorenzo Pellizzari e publicado através de uma parceria entre o Instituto Lina Bo Bardi e o Festival de Cinema de Locarno. O Valentini foi maravilhoso, copiou para mim todos os filmes do Cavalcanti de seu acervo pessoal, e em uma operação entre amigos e familiares, com a ajuda de meu irmão que mora em Brasília, onde ele reside, esses DVDs me foram enviados. A outra pessoa determinante para que eu aces-

sasse esses filmes foi o José Américo Ribeiro, amigo querido, que foi professor de cinema na UFMG, e que também me cedeu cópias de filmes que ele adquiriu em DVD, em Londres. A boa notícia hoje é que os filmes do Cavalcanti, da fase francesa e brasileira, estão sendo restaurados, e, em breve, devem estar acessíveis ao público. Ainda não temos previsão sobre a sua obra na Inglaterra, mas estou otimista em relação a isso. Recentemente, fui convidada para integrar uma ação coletiva, liderada pela Cinemateca Brasileira, que têm como objetivo reunir e recuperar todo o acervo e obra do Cavalcanti, para que posteriormente seja disponibilizada ao público. As restaurações de seus filmes no Brasil são parte dessa grande iniciativa. Mas, no momento, o que está acessível é parte de sua obra que está disponibilizada na web.

Sua obra acadêmica e seus escritos se destacam sobretudo pelos préstimos à memória, no empenho de fazer preservar o que se fala, mas pouco se vê. Que ferra-

mentas teóricas embasam essa sua arqueologia de acalanto?

É bonita a sua definição de arqueologia do acalanto, é difícil nomear o que me move, e achei interessante essa colocação. Acredito que a memória é catalizadora do novo. Quando mergulhei na obra do Rogério, o que mais me interessava era trazer à luz vestígios de presente e futuro naquele passado, revelando a força daquele cinema na produção contemporânea, brasileira e internacional. Sganzerla e Cavalcanti são faróis, são artistas que não pertencem só a um tempo e um espaço, eles transcendem essas bordas e iluminam o porvir. Cada um a seu modo. Além dessa motivação afetiva e analítica, quis também ser útil à preservação desses legados, desses acervos. No caso do Sganzerla, eu reuni no livro publicado pela Azougue, entrevistas que estavam literalmente se decompondo em pastas na Cinemateca do MAM, que a partir do livro, foram preservadas para a posteridade.

No caso do Cavalcanti, você teve acesso a um acervo precioso que estava sob a guarda do jornalista Sergio Caldieri, outro parceiro fundamenta para sua pesquisa. O que encontrou ali?

Tive acesso a um acervo de 300 quilos de documentos do Cavalcanti, que estão em sua casa em Niterói. Esse acervo reúne documentos pessoais, roteiros, originais do livro de memórias, fotos, cartões de Natal e dezenas de papéis que contam a história do Cavalcanti, e também a história do cinema no século XX. Então, a partir dessa documentação, reconduzi minha pesquisa, apontando para um caminho indissociável: a encruzilhada poética entre a obra e a vida de Cavalcanti, que no fundo, são um único percurso. E, de novo, tive a sensação e a motivação de que o meu trabalho, de alguma forma, contribuiria para a preservação do legado desse artista imenso. Se eu pensar bem, essa sensação da arte como homenagem a faróis da nossa arte, pensamento e cultura é também o coração, a pulsação por trás da realização do filme que fiz sobre a Heloísa Teixeira.

Sua carreira de autora divide lugar com seu trabalho na Riofilme. Que missão é a sua hoje na distribuidora?

São trabalhos que, embora pertencentes ao mesmo universo, o cinema brasileiro, são bem diversos. Na Riofilme, tenho uma função estratégica que é cuidar da comunicação. Um trabalho desafiador no sentido de dar conta do tamanho e da potência que a Riofilme representa hoje no ecossistema audiovisual brasileiro, e também, do Rio como destino de telas no mundo.

Rui Poças/Divulgação



Na cova da invenção

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Abalurdes é o tipo de cidade em que se paga para entrar e se reza para sair. Caem aves de seu céu e há, em suas ruas, um povo fiel à tese de que o Diabo é seu amigo e vai salvá-lo do perigo. Esse lugar nasceu da prosa de Ana Paula Maia, romancista conhecida por livros como “De Gados e Homens” e “Búfalos Selvagens”, que fala sujeitos duros, abrutalhados pelas asperezas de um mundo onde ajudar o próximo não faz parte das regras trabalhistas.

A filosofia de Nietzsche traduz bem suas paragens, quando seus aforismas nos dizem: os diamantes um dia foram um carvão que endureceu. Edgar Wilson (o personagem central da literatura de Ana Paula) é prova disso. As brasas de Wilson viraram pedra. A rocha que ele é, para além de suas asperezas, ganha sulcos existenciais na atuação de Selton

Um dos mais requintados diálogos do cinema brasileiro com o terror, ‘Enterre Seus Mortos’, elogiado na Europa, no Festival de Sitges, chega às telas coroando a prosa de Ana Paula Maia

Mello, que dá vida a esse coletor de cadáveres em “Enterre Seus Mortos”, um dos melhores longas-metragens de CEP brasileiro a estrear em 2025. Chega ao circuito neste fim de semana. Marco Dutra assina a direção desse requintado exercício de nosso audiovisual pelas veredas do horror, com passagem pelo Festival de Sitges, na Espanha, em 2024.

“Se há um deus, não acredito que ele se preocupe tanto com fronteiras inventadas por humanos – ele deve ter outras tarefas na vastidão cósmica. Mas um deus criado por nós, sim, esse poderia ser brasileiro, e estar do

nosso lado”, diz Marco Dutra ao Correio da Manhã. “Nós, brasileiros, que temos tantas almas vivas, certamente também criamos um inferno vasto, povoado pelos nossos mortos – ou por parte deles. De todas as pessoas que já viveram, 7% estão vivas hoje, um dado enigmático e que, ainda assim, sempre me assombra. Onde quer que esteja o inferno, parece que estamos, aos poucos, aprendendo a evitá-lo”.

De tanto recolher restos mortais, Wilson ressecou. Sobrou-lhe o carinho cinéfilo pelo seu filme preferido (“Titanic”) e um flerte com sua chefe, Nete (Marjorie

Estiano), que sofre de um problema cardíaco: há um risco do seu coração crescer a ponto de explodir. Wilson acha isso bonito. Vê ali uma metáfora do amor. Gosta de Nete, que sofre com as reações estranhas que ele tem, no sono inquieto, de despertar com uma faca na mão, a balbuciar estranhezas sobre as visões que o assuntam. É um modo de estar que irrita a tia de Nete, Helena, papel da atriz Betty Faria, numa atuação taciturna, de movimentos corporais que lembram um bailado. Suas palavras são contidas, contadas a gotas.

A única pessoa de destaque em Abalurdes que fala muito é de um padre excomungado sempre às voltas com as bravatas de um exorcismo malfadado: Tomás (Danilo Grangheia, em atuação estonteante). O sacerdote demitido pelo Vaticano é colega de ofício de Wilson e tem por ele carinho de amigo, uma fraternidade discreta. A sabedoria dos seus tempos de batina não se faz notar tanto. Foi afogada na bebi-

da choca que alcooliza o hálito, desqualificando unções. Dutra não vê heroísmo neles.

“Edgar Wilson sabe sobreviver – e talvez acredite ser herói em alguma medida. Ele trabalha muitas horas por dia. Faz o ‘trabalho sujo dos outros’, como diz Ana Paula Maia. É o tipo de tarefa que ninguém quer fazer, mas que mantém o mundo funcionando: remover os corpos de animais mortos para que os caminhos sigam abertos – como quem desentope artérias entupidadas. O problema é quando o corpo morto é humano: aí o regulamento falha, e Edgar precisa improvisar. Mas não há Ítaca à vista, nem porto seguro – pelo menos não neste filme. Talvez num próximo...”, promete Dutra, correalizador (com Juliana Rojas) de “Trabalhar Cansa”, de 2011, e “As Boas Maneiras” (Melhor Filme no Festival do Rio de 2017 e Prêmio do Júri no Festival de Locarno).

O cineasta paulistano de 45 anos dirigiu ainda “Quando Eu Era Vivo” (2014) e “O Silêncio do Céu” (Prêmio Especial do Júri no Festival de Gramado de 2016). Concorreu ao Urso de Ouro da Berlinale, em 2020, em realização a dois com Caetano Gotardo em “Todos os Mortos”. Ao se debruçar sobre os parágrafos de Ana Paula Maia, para rodar “Enterre Seus Mortos”, ele bateu de frente com os males estruturais da cultura brasileira, como o fundamentalismo religioso.

“Sempre leio o fantástico e o horror como gêneros que oferecem uma certa ‘caixa de ferramentas’, que podemos usar de modos diferentes. Mas seguir a cartilha nunca basta. Você pode dominar a técnica do susto, o instante em que todos se encolhem na poltrona, fecham os olhos, tapam os ouvidos – mas, na minha experiência, não é sempre esse o momento que permanece. O que fica é o feitiço”, explica Dutra. “Os filmes mais inquietantes são os que hipnotizam, os que não se apagam da memória. Fazer isso é uma forma de bruxaria – e, como toda bruxaria, guarda segredos que não convém revelar”.

O padre excomungado Tomás (Danilo Grangheia) ajuda Edgar Wilson (Selton) a lidar com as estranhezas de Abalurdes em ‘Enterre Seus Mortos’

Homenageado em ‘O Agente Secreto’ e citado na peça de Wagner Moura no CCBB, o cult de Spielberg volta ao circuito brasileiro, na comemoração de seus 50 anos, com .doc na Disney+

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Mais radical acontecimento do teatro brasileiro de 2025, “Um Julgamento – Depois do Inimigo do Povo”, no CCBB, abre espaço para uma evocação cinéfila na qual o personagem de Wagner Moura, o Dr. Thomas Stockmann, evoca “Tubarão” (1975), de Steven Spielberg, para explicar ao júri a manipulação das verdades pelo Poder. O astro baiano cita um diálogo do prefeito de uma cidadezinha costeira, o alcaide Larry Vaughn (Murray Hamilton), em sua defesa em prol do silêncio acerca dos ataques de um faminto peixe nas praias locais. “Se você gritar ‘Barracuda!’, todo mundo diz... ‘Hã! O quê?’. Se grita ‘Tubarão!’..., vamos ter um pânico nas mãos”.

O longa faz parte de títulos revolucionários gerados nos EUA de 1967 a 1981, a geração da Nova Hollywood. Steven está lá. Seu fenômeno marinho regressa às telonas brasileiras. Nos EUA, o site <https://thedailyjaws.com/>, uma página dedicada a “Tubarão”, está em festa com as celebrações do 50º aniversário do longa, que pode ser visto em diferentes salas de exibição do Rio de Janeiro, inclusive com cópias dubladas. Há uma versão brasileira mais recente, feita pela Double Sound, em 2005, para DVDs, e há a versão clássica, da BKS, de 1984, que pode ser encontrada nas transmissões no Telecine e na Prime Video da Amazon, com gênios da voz como Carlos Campanile, Antônio Moreno (1946-2022) e Ézio Ramos (1946-1999) nos papéis principais.

Fora isso, na Disney+, encontra-se o documentário delícia “Jaws @ 50: The Definitive Inside Story”, de Laurent Bouzereau, que revela tudo (e mais um pouco) sobre o longa que mudou a maneira de se pensar



Roy Scheider enfrenta o monstro marinho no clímax de ‘Tubarão’

‘Tubarão’ de mandíbulas abertas

Divulgação



O elenco de titãs (Robert Shaw, Roy Scheider e Richard Dreyfuss) congacha com o jovem Spielberg no set de filmagens do longa

êxito de bilheteria na América.

“No momento em que o tubarão branco do Spielberg abriu sua boca, nós, que fazíamos filmes baseados em ideias provocativas, pautados em orçamento pequeno, pensamos: ‘Caímos numa arapuca, pois agora tudo será grande’. E foi...”, disse o cineasta Peter Bogdanovich (1929-2022) ao Correio da Manhã, numa derradeira entrevista ao Brasil, num balanço dos anos 1970, época de seus aclamados “A Última Sessão de

Cinema” (1971) e “Lua de Papel” (1973).

Com base num romance de Peter Benchley (1940-2006), roteirizado pelo próprio escritor, em parceria com Carl Gottlieb, “Jaws” (título original) foi lançado em 20 de junho de 1975 nos EUA - e no Natal daquele ano por aqui, no Brasil - e, ao longo de meses em cartaz, contabilizou cerca de meio bilhão de dólares nas bilheteiras. Conquistou três Oscars - de Melhor Som, Montagem e Trilha Sonora - e consagrou o

conceito de blockbuster (arrasa quarteirão) ao transformar as férias escolares do verão americano (maio, junho e julho) no período ideal para superproduções de ação e aventura.

Na trama de “Jaws”, rodada em Massachusetts, com cenas de praia na Califórnia, Scheider vive o policial Martin Brody, um xerife que não gosta de mar, mas aceita se mudar para o litoral a fim de dar a seus filhos uma vida mais pacata. Mas o ataque de um tubarão branco vai ameaçar a paz do local. Um biólogo marinho (Richard Dreyfuss) tentará auxiliar o policial. Mas é um veterano lobo do mar, o pescador Quint (Shaw), quem vai se oferecer para fisgar a criatura - batizada de Bruce nos bastidores, em referência maldosa ao advogado de Spielberg - numa narrativa regada a litros de adrenalina e aos acordes do compositor John Williams. A maioria dos takes foram feitos com a câmera na mão da equipe de fotografia.

Spielberg prepara neste momento um longa novo, sobre contatos imediatos com Ets, tendo Emily Blunt e Colman Domingo no elenco.

Amanhã (não) vai ser outro dia

Mostra sobre IA na Caixa Cultural encara o medo do levante tecnológico das máquinas ao exibir 'O Exterminador do Futuro', que há 41 anos inaugurou o debate das mentes artificiais

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Usar o ChatGPT e miolos digitais afins para realizar tarefas do dia é algo que geral quer, mas o medo de as máquinas que pensam por si só ganharem autonomia... e tomarem a Terra da gente... está aí por todo lado... desde 1984. Esse temor foi plantado por "O Exterminador do Futuro" ("Terminator", 1984), que vai celebrar suas quatro décadas (41 aninhos, para ser preciso) neste sábado, às 18h, na Caixa Cultural.

O longa-metragem não poderia faltar, de forma alguma, numa retrospectiva que se chama "Do Sonho À Realidade: Cinema E Inteligência Artificial", em cartaz até o próximo dia 9 no aparelho cultural do Centro do Rio. Nesta sexta-feira, às 15h30, sua programação contempla "Do Alem" (Stuart Gordon, 1986), abrindo tela, às 17h30, para "Robocop - O Policial do Futuro" (1987), de Paul Verhoeven. Neste 1º de novembro, antes de Arnold Schwarzenegger metralhar a raça humana, rola, às 14h, o magistral "THX 1138", dirigido por George Lucas, em 1971. Após a projeção, às 16h, será realizada a mesa de debate "IA e a Sociedade", com Bianca Kremer e Nina da Hora, com mediação de Maria Clara Parente. Às seis do



Divulgação



Divulgação

O jovem Arnold Schwarzenegger vislumbra o futuro com os olhos ciborgues de Exterminador, seu personagem no cult de 1984

James Cameron e Arnoldão nas filmagens do longa que inspirou uma imparável franquia

sabadão, Schwarzie entra em campo.

Esse clássico sci-fi foi lançado em 26 de outubro de 1984 nos EUA. O cineasta por trás de "Terminator", o artesão autoral canadense James Francis Cameron, completou 71 anos em agosto e foi tema de uma exposição na Cinemateca Francesa, em Paris. Em poucos dias, ele dá o ar de sua graça na telona, com a parte III da franquia "Avatar" (2009-2022), cujos tomos anteriores po-

dem ser conferidos no Disney +.

Sinônimo vivo de bilhões e também de projetos engajados em causas ambientais, Cameron esteve no Brasil em 2010, visitando Belo Monte, no Pará, a fim de poder estudar os riscos de sua usina hidrelétrica para o ecossistema. "Avatar" foi idealizado pelo cineasta como um tratado de preservação da Terra, a partir do cuidado com a Natureza. Ele traz uma reflexão sobre o nosso amanhã desde

que lançou o primeiro "Exterminador...", apostando numa distopia apocalíptica. Em sua confecção, ele acreditou que um halterofilista conhecido nas telas por interpretar o herói de pulps Conan o Bárbaro, pudesse virar um dos mais icônicos personagens do cinema de gênero pop. Foi ideia dele e de sua então parceria, a produtora Gale Anne Hurd, convocar o ator austríaco naturalizado americano Arnold Schwarzenegger para encarnar o androide egresso de 2029. Deu certo.

"Ali, emplacamos um filme de baixo orçamento (cerca de US\$ 6,4 milhões), que aconteceu moderadamente, mas fez forte boca a boca pela originalidade, abrindo espaço para uma sequência na qual eu pude ousar mais", disse Cameron ao Correio da Manhã, num papo na Berlinale de 2017, lembrando que voltou a filmar com o amigo da Áustria em "True Lies", sucesso de 1994 que hoje comemora 30 anos.

Schwarzenegger chegou a ser cotado para viver o Dr. Octopus na versão nunca filmada de "Homem-Aranha" que Cameron idealizou em 1992. Falava-se de Leonardo DiCaprio para o papel de Peter Parker e até do hoje sumido Edward Furlong, que viveu John Connor em "O Exterminador do Futuro 2" (1991), mas esse projeto nunca saiu. Cameron deixou "True Lies" diretamente pra filmar "Titanic", cujo atraso na produção fez com que ele abrisse mão de seu cachê como diretor para compensar o estúdio pelos problemas que trouxe.

"A saga do 'Exterminador' é o documento de uma época", disse Cameron na Berlinale de 2017.

Laureado com o Grande Prêmio no Festival de Avoriaz, na França, em 1985, "O Exterminador do Futuro" faturou cerca de US\$ 78 milhões nas bilheteria. Disfarçado de humano, o assassino robótico conhecido como o Exterminador (Schwarzenegger, dublado originalmente na TV brasileira, no SBT, por Jorgeh Ramos e redublado por Cassius Romero) viaja ao passado, de 2029 a 1984, para matar a jovem Sarah Connor (Linda Hamilton). O motivo: ela será a mãe do líder da resistência contra as IAs que controlam a Terra. A fim de proteger Sarah, os rebeldes enviam o guerreiro Kyle Reese (papel de Michael Biehn), que divulga a chegada do Skynet, sistema de inteligência maquina responsável por detonar um holocausto nuclear.

A caçada do Exterminador é estruturada por Cameron em perseguições alucinantes. A trilha sonora é de Brad Fiedel.

No domingo, a mostra da Caixa Cultural exhibe, às 15h, "Metropolis" (1927), de Fritz Lang. Na semana que vem, na terça, às 17h, a boa é "Solaris" (1972), de Andrei Tarkovski.

Fotos/Divulgação



A exposição reúne mais de 40 peças do escultor paulista

Por **Pedro Sobreiro**

Em exposição no CCBB do Rio de Janeiro até 18 de janeiro de 2026, a mostra “Flávio Cerqueira - Um escultor de significados” registrou a expressiva marca de mais de 30 mil visitantes na semana inaugural. Celebrando os 15 anos de carreira desse artista ousado, que usa do bronze para expressar sua arte, a exposição montou um jardim e trouxe mais de 40 peças, sendo três delas inéditas, para a Cidade Maravilhosa.

Cerqueira revela que sua inspiração para se expressar por meio de estátuas foi justamente um dos maiores escultores da história. “Resolvi trabalhar com o bronze depois de ter visto uma exposição do escultor francês August Rodin na Pinacoteca do Estado de São Paulo, no ano de 2001. Desde então, minha inspiração tem sido meu próprio cotidiano, minhas próprias experiências de vida. Eu as ressignifico, transformando-as em objetos de arte. Esse é o meu maior estímulo para produzir arte e ser um artista que usa as esculturas para contar histórias”, disse.

E o que mais chama atenção é o trabalho com o bronze, um material exótico para os dias atuais.

“Hoje, um dos maiores desafios de trabalhar com bronze é o fato de pouquíssimos artistas usarem essa técnica e, com isso, o número de fundições está cada vez menor e com poucos profissionais interessados em seguir este ofício”, comentou o escultor paulista.

Quem for visitar a exposição no Rio, certamente irá reparar que antes das galerias existem obras de arte “perdidas” pelo ambiente. São as peças que Flávio chama de “iscas”.

“Para a mostra no CCBB do Rio, eu es-

Afetividade cravada no bronze

Exposição ‘Flávio Cerqueira: Um Escultor de Significados’, em cartaz no CCBB Rio, recebe mais de 30 mil visitantes em uma semana



palhei alguns trabalhos nas áreas comuns do prédio, a fim de criar essa ‘estranheza’ mesmo e convidar os visitantes a entrarem nas salas expositivas, o que costumo chamar carinhosamente de ‘iscas’. Elas puxam a atenção e fazem o visitante querer saber mais, ver mais

sobre a arte”, explicou.

Outra característica fortíssima do trabalho de Cerqueira é a afetividade. Suas obras trazem elementos cotidianos que, mesmo sendo pequenos detalhes, aproximam o público daquelas peças de bronze magníficas.

Por exemplo, os calçados. Flávio esculpiu sapatos clássicos, tênis esportivos e até mesmo as divertidas sandálias Crocs em algumas estátuas infantis. Cada calçado dialoga diretamente com o “personagem” moldado, trazendo o visitante mais para perto das obras.

“Produzo arte para me comunicar, e abordo narrativas cotidianas do povo brasileiro, do povo comum, como eu. Acho que trazer assuntos que estão presentes na vida das pessoas faz com que isso crie um laço afetivo com o espectador, e o afeto, o amor, ainda são sentimentos que impactam e atravessam o ser humano”, disse Flávio.

Por fim, o artista percorreu todo o “circuito” dos CCBBs brasileiros, passando pelas unidades de São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, por onde atraiu mais de 200 mil visitantes. Com a conclusão no Rio de Janeiro, Flávio Cerqueira pode ter sua maior audiência nos circuitos, já que a Cidade Maravilhosa registrou mais de 30 mil visitantes em apenas uma semana. Para Flávio, é fundamental ver esse interesse do público pela arte.

“Esta é a última das sedes do CCBB que ocupo nessa itinerância. Foram quase 300 mil visitantes desde São Paulo, que foi a primeira sede. Isso é importante não só enquanto números, mas pelo fato de quase 300 mil pessoas estarem frequentando os espaços de arte, que há pouco tempo atrás era frequentado apenas por uma parcela bem pequena – e restrita – da população. Isso, para mim, é o mais importante de participar do circuito CCBB”, concluiu.

SERVIÇO

FLÁVIO CERQUEIRA: UM ESCULTOR DE SIGNIFICADOS

CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66) Até 18/1, de quarta a segunda (9h às 20h) | Entrada franca

Doces e travessuras a mesa

Halloween ganha versões gastronômicas em restaurantes cariocas

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)**
Especial para o Correio da Manhã

O Halloween inspirou chefs e mixologistas cariocas a soltarem a imaginação. Neste fim de outubro, casas pela cidade apresentam menus e receitas especiais para celebrar a data mais sombria e divertida do ano (31). Há sobremesas com apresentação assustadoramente criativa, drinques com nomes enigmáticos e pratos que remetem ao tema. A ideia é proporcionar uma experiência diferente, em que o clima lúdico da data se mistura à boa gastronomia. Confira, abaixo, as sugestões que o Correio da Manhã preparou para você se deliciar na data mais assustadora do ano:

CARDIN - A cafeteria criou para data a Torta Boo (R\$ 200 inteira ou R\$ 21 - fatia). Ela é feita em camadas de bolo fofinho de chocolate meio amargo, intercalada com generosas camadas de recheio de brigadeiro cremoso caseiro e cobertura de fantasmilhas de suspiro. Rua Constante Ramos, 44 - Copacabana. Tel: (21) 96703-5262.

JAPPA DA QUITANDA - O japonês entra no clima de Halloween com uma ação especial em todas as unidades da marca. Para a data, a casa criou dois drinques temáticos. Entram em cena o Segredo Vermelho (R\$ 38), um coquetel à base de vodka e uma seringa contendo Monin grenadine, um xarope de frutas vermelhas que o cliente injeta no drink quando chega à mesa, mudando a cor da bebida. Já o Sobrevida (R\$ 38), opção não alcoólica é servido em uma "bolsa de sangue", e leva Fanta Chucky Punch. Rua Barão da Torre, 422 - Ipanema. Tel: (21) 97374-3030.

LOW FIRE SMOKEHOUSE - A casa traz o Seven Days (R\$ 49,90), sanduíche servido em pão black com 180g de pastrami de língua defumado, queijo muçarela derretido e molho de mostarda. O



CARDIN

pastrami de língua une a técnica artesanal de defumação com a ousadia perfeita para a ocasião. O prato estará disponível exclusivamente no dia 31. Rua da Alfândega, 7 - Centro. Tel: (21) 2283-4095.

MEDOVIK - Todo mês, a doceria apresenta um novo sabor exclusivo. Para celebrar o Halloween, criou o Medovik de blueberry com carvão ativado, numa versão gótica e intrigante (R\$35 fatia ou inteiro R\$ 330-16cm/-R\$ 415-20cm). O Medovik de outubro vai naked, sem cobertura. Rua Visconde de Pirajá, 156, sobreloja 203 - Ipanema. Tel: (21) 99579-9904.

MEGAMATTE - A rede de cafeteria também entra no clima do



LOW FIRE SMOKEHOUSE

Divulgação



NOLITA

Nubra Fasari/Divulgação



MEDOVIK

Halloween com uma versão temática e refrescante do tradicional Mate Fruta Açaí (R\$ 11,50). Com a força e o sabor marcante do açaí, a bebida foi criada especialmente para comemorar a data e chega às lojas com um toque divertido



MEGAMATTE

Divulgação



JAPPA DA QUITANDA

e misterioso. Av. Rio Branco 50, Centro. Tel: (21) 97279-0001

NOLITA ROASTERY - A casa está com uma programação especial de Halloween até 31 de outubro. O público poderá ex-



POISON DONUTS

perimentar o Nolishake Especial Halloween (R\$ 48) e dois drinks temáticos servidos das 16h às 19h30: o Purple Poison, feito com mix de uvas, suco de limão, xarope de maçã verde e vodka, e o Bloody Sunset, com gin, limão, calda de cereja, xarope de tangerina e água tônica (R\$ 39 cada). A casa também apresenta um Menu Halloween especial, servido a partir das 18h (R\$ 198 + 12%), com opções de entrada, prato principal e sobremesa. VillageMall - Av. das Américas, 5000 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 99512-5044.

POISON DONUTS - A marca criou quatro opções de donuts de Halloween que ficarão disponíveis até o domingo (2). Entre as opções estão: o Cérebro, com recheio de Nutella crocante, cobertura de chocolate branco, "sangue" de leite condensado e finalizado com chantilly em forma de cérebro e uma seringa de "sangue"; o Olhar Fatal, coberto com chocolate branco, linhas de "sangue" feito com leite condensado e corante e recheado com brigadeiro de ninho, geleia de frutas vermelhas e olho de gelatina por cima e o Palhaço, coberto com chocolate ao leite, recheado com galak crocante e para finalizar "sangue" de leite condensado com corante vermelho. Cada donut sai por R\$ 25,90 mas levando quatro, cada um sai por apenas R\$ 20,90. NorteShopping - Av. Dom Hélder Câmara, 5474 - 3402, piso L1 - Cachambi. Tel: (21) 99465-9530.

Divulgação

“Mata-Gato” no Taguá

Curta amazonense vence etapa on-line do festival de cinema de Taguatinga

Por Mayariane Castro

O curta-metragem “Mata-Gato”, dirigido pelo cineasta amazonense André Cunha, foi o vencedor da etapa on-line do 18º Festival Taguá de Cinema, realizado no Distrito Federal. A produção recebeu 1.372 votos populares e garantiu vaga na mostra competitiva do evento, além de um prêmio de R\$ 1 mil.

A votação ocorreu no site oficial do festival, que disponibilizou os filmes concorrentes ao público. A etapa digital reuniu mais de 300 curtas-metragens de diversas regiões do país, distribuídos em categorias como ficção, documentário, animação, experimental, infantil e produções do Distrito Federal.

De acordo com a organização, o objetivo da etapa on-line

é ampliar o acesso do público às produções independentes e permitir que os espectadores participem ativamente do processo de seleção. A escolha de “Mata-Gato” reflete a receptividade da obra entre os participantes da votação.

O diretor André Cunha destacou a importância do reconhecimento popular. Para ele, a visibilidade alcançada pelo curta contribui para fortalecer o cinema produzido na região Norte. O filme aborda o tema dos animais domésticos, utilizando a narrativa de terror para discutir questões ambientais, de saúde pública e de isolamento social entre idosos.

Além de “Mata-Gato”, outras produções se destacaram. O segundo lugar ficou com o pernambucano “Em Vigília”, de Analice Bezerra.

Discussão pelo audiovisual

Festival propõe o uso do cinema para a abordagem dos problemas

Em terceiro, aparece “Garrote”, também do Amazonas, sob direção de Bruno Pantoja. Entre os demais destaques da etapa on-line estão “João Parapeito” (RJ), “Ver. Amarelo. Vermelho” (SP), “O Dilema de Antônia” (SP), “Oitavo Anjo” (DF), “Medo Monstro” (PE), “PX Origens” (PE) e “Cinemas de Verdade” (RJ). Todos os filmes permanecem disponíveis para exibição gra-

tuita no site do Festival Taguá de Cinema.

Edição 2025

O Festival Taguatinga de Cinema, conhecido atualmente como Festival Taguá, realiza sua 18ª edição entre os dias 19 e 22 de novembro, no Cine Teatro do Centro de Ensino Médio Taguatinga Norte (CEMTN), no Distrito Federal. A programação inclui exibições presenciais,



Mostra on-line visou tornar os filmes mais conhecidos



Seleção mostra importância de temas sociais

mostras competitivas, debates e encontros com realizadores.

O tema deste ano propõe um retorno às origens do audiovisual como ferramenta de expressão e reflexão social. A curadoria reúne produções que transitam entre ficção, documentário, animação e obras experimentais,

buscando representar a multiplicidade de linguagens do cinema brasileiro contemporâneo.

Segundo o idealizador do festival, William Alves, a edição de 2025 teve número recorde de inscrições. “Atingimos o limite máximo de 500 filmes seis dias antes do encerramento, o que

demonstra o alcance nacional e o vigor da produção independente”, afirmou.

As inscrições contemplaram obras de todas as regiões do país: Sudeste (219), Nordeste (117), Centro-Oeste (71), Sul (71) e Norte (23). Entre os estados com maior número de produções inscritas estão São Paulo (104), Rio de Janeiro (66) e Distrito Federal (44). Esses dados, segundo a organização, evidenciam a abrangência e a consolidação do festival como um dos mais representativos do cinema independente brasileiro.

O levantamento das inscrições mostra a diversidade temática das produções contemporâneas. Os assuntos mais recorrentes são infância e juventude, com 154 filmes, questões de gênero, com 144, e movimentos sociais, com 136. Outros temas como racismo e questões sociais aparecem com frequência.

SHOW

Guns N' Roses em Brasília

*O Guns N' Roses confirmou cinco shows no Brasil em 2025, passando pelas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A turnê mundial "Because What You Want and What You Get Are Two Completely Different Things" traz Axl Rose, Slash, Duff McKagan e Isaac Carpenter. A apresentação em Brasília será no dia 2 de novembro, na Arena BRB. A banda, dona de clássicos como Sweet Child O' Mine, segue como uma das mais icônicas do rock mundial.

Show "Lo-fi...lo"

*O compositor brasiliense Cello Dante lança em outubro de 2025 o álbum "Lo-fi...lo", que mistura música brasileira, rock, folk, eletrônico e world music. O LP, realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF, terá shows gratuitos no Planetário de Brasília, em 1º de novembro, às 19h30 e 21h, com tradução em libras e audiodescrição. O disco traz 12 faixas inéditas compostas em sua maioria na pandemia, abordando temas como solidão, amor, liberdade e autoconhecimento.

A força do RAP

*O Projeto Raízes Musicais celebra o mês da Consciência Negra com o rapper GOG, ícone do hip hop nacional, em show no Teatro dos Bancários, no dia 21 de novembro. Ao lado de Victor Vitrola e DJ A, o artista revisita sucessos como Brasil com P e É o Terror, marcando 36 anos de carreira. A apresentação integra a programação que valoriza a cultura de resistência e o protagonismo negro.

Katy da voz e as Abusadas

*A Festa FAIRYWEEN está de volta em edição especial com o show inédito de Katy da Voz e As Abusadas, pela primeira vez em Brasília! Diretamente de São Paulo, o grupo chega com sua mistura de pop, funk e performance, celebrando a diversidade e a liberdade artística. Ingressos podem ser adquiridos no Shotgun. Entrada proibida para menores de 18 anos.

FESTIVAL

Festival Pretitude

*O estacionamento do Teatro dos Bancários recebe, no dia 1º de novembro, a partir das 12h, o Festival Pretitude, em



Após 9 anos a banda Guns N' Roses está de volta a Brasília

Um DF de opções de lazer

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Katy da Voz e as Abusadas pela primeira vez no DF

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

celebração ao mês da Consciência Negra. O evento gratuito destaca a cultura afro-brasileira com shows de Seu Preto, Dhi Ribeiro, Banda Patacori, Rondi Saraiva e DJs Amora, Kalm e Josiblack. Haverá ainda feira de arte e moda Kitan-da Cultura de Terreiro, bar e food trucks. Livre para todos os públicos.

TEATRO

Espectáculo de sombras

*A Cia Lumiato encerra a temporada do espetáculo "Memória Matriz" com apresentações gratuitas em Taguatinga (29 e 30/10, Teatro Yara Amaral) e Gama (31/10 e 01/11, Teatro Paulo Gracindo). A obra usa o teatro de sombras para abordar memórias e afetos que moldam a identidade feminina,

Divulgação



Espetáculo “Melodias de um Sonho”

Divulgação



Simplesmente eu, Clarice Lispector
Diego Bresani



Sombras revelam histórias

refletindo sobre violência de gênero e heranças simbólicas. A programação inclui a oficina “Poéticas da Sombra”, voltada a artistas e educadores.

“Melodias de um Sonho”

✱O Teatro Newton Rossi (Sesc Ceilândia) recebe no dia 2 de novembro, às 19h, o espetáculo “Melodias de um Sonho”, do Projeto Musical Arte Jovem, sob direção do maestro Edmilson Júnior. A apresentação reúne mais de 130 crianças e jovens em um show emocionante que une música, dança e coral, em dois atos que celebram o poder transformador da arte. Ingressos a R\$ 10.

Monólogo “Hilário”

✱O teatro do CEMTNORTE e o SESC Paulo Autran, em Taguatinga, rece-

bem o espetáculo “Hilário”, de 04 a 06 de novembro (CEMTNORTE) e 24/11 (SESC). A montagem narra a história de um catador rotulado como “louco”, abordando saúde mental, estigma e pertencimento. O ator Ricardo César interpreta o personagem, com direção de Nei Cirqueira e dramaturgia de Bruno Estrela. Entrada gratuita mediante doação de 1 kg de alimento.

Clarice Lispector em cena

✱O Teatro Royal Tulip, em Brasília, recebe nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 2025 o espetáculo “Simplesmente eu, Clarice Lispector”, idealizado, adaptado e protagonizado por Beth Goulart. A montagem mescla depoimentos, correspondências e fragmentos das obras da escritora, explorando amor,

JULIANA UEPA



Exposição fotográfica na Casa Niemeyer

Arquivo Pessoal



Mostra de cinema Vladimir Carvalho

silêncio, solidão e a complexidade do feminino. Com cenografia minimalista, iluminação poética e trilha sonora original de Alfredo Sertã, a peça revela Clarice e suas personagens em diálogo intenso. Ingressos à venda pelo Sympla, classificação 12 anos.

PROJETO

Contação de histórias

✱A 3ª edição da Oficina Sabiá leva 15 oficinas gratuitas a crianças de 4 a 6 anos da rede pública do DF. Inspiradas no livro Sabiá, de Adriana Nunes, as atividades unem música, leitura e colagem. A ação começa em 28 de outubro na Creche Jequitibá e segue em novembro por escolas do DF, com apoio do FAC/Secec-DF.

EXPOSIÇÃO

Identidade afrobrasileira

✱A Casa Niemeyer abre neste sábado, 1º de novembro, às 16h, a exposição “Foto Preto Grafia”, com obras de sete artistas que exploram a fotografia como expressão da arte de matriz africana. A mostra integra o Mês da Consciência Negra e a abertura da VII Mostra de Cinema Negro Adélia Sampaio. Com curadoria de Claudio Bull, reúne trabalhos que vão da mitologia grega reinterpretada por corpos negros a registros de rituais e paisagens do Benin e de Brasília.

Mostra Vladimir Carvalho

✱A Secretaria de Cultura e o Coletivo Maria Cobogó homenageiam Vladimir Carvalho com a exibição do curta “Vladimir Carvalho – Cinema e Memória”, no Cine Brasília, um ano após sua morte. O filme, produzido pelo Sesc-DF e Marcia Zarur, traz sua última entrevista, gravada no Cinememória, espaço que reúne o vasto acervo do cineasta e símbolo de sua dedicação à história do cinema brasileiro.

Exposição ‘Intangível’

✱A exposição “Intangível”, aberta até 30 de novembro na Casa Aerada, no Varjão, propõe uma imersão sensorial sobre corpo e presença na era digital. Com entrada gratuita, reúne obras de Déborah Alessandra e Tarcísio Paniago que utilizam projeção, fumaça, tridimensionalidade e sobreposições em tecido, criando um diálogo entre arte, tecnologia e dança contemporânea.

Festa candanga do livro

Prêmio Candango celebra autores e projetos com show de Toquinho e Camilla Faustino

Por Mayariane Castro

Brasília realiza nesta sexta-feira (31) a festa de premiação da segunda edição do Prêmio Candango de Literatura, promovido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (Secec-DF) e organizado pelo Instituto Casa de Autores. O evento acontece na Sala Martins Pena, no Teatro Nacional Cláudio Santoro, e distribui R\$ 195 mil em prêmios a escritores, editoras e iniciativas de incentivo à leitura. A cerimônia inclui apresentações artísticas e um show de encerramento com Toquinho e Camilla Faustino.

A premiação é dividida em três eixos – literário, editorial e pedagógico –, e busca reconhecer a produção contemporânea



Mia Couto é um dos escritores que concorrem ao prêmio

Divulgação

em língua portuguesa. Cada um dos vencedores das categorias Melhor Romance, Contos, Poesia e Prêmio Brasília receberá R\$ 35 mil. As categorias Melhor Capa e Projeto Gráfico concedem R\$ 20 mil, enquanto o prêmio de Incentivo à Leitura tem valor de R\$ 15 mil. Todos os contemplados recebem ainda o troféu Candango, criado pelo artista plástico André Cirino.

Segundo o secretário de Cultura e Economia Criativa do DF, Claudio Abrantes, o Prêmio Candango “representa um espaço de valorização da literatura e de estímulo a novas vozes”. Ele destacou o papel da iniciativa como meio de fortalecimento da produção literária e da projeção de Brasília como centro de convergência da cultura lusófona.

De Brasília, Portugal e Moçambique

Romance de Mia Couto concorre na categoria internacional

A cerimônia será conduzida pelos atores Adriana Nunes e Adriano Siri, do grupo Os Melhores do Mundo. O público acompanhará a exibição de minidocumentários sobre os finalistas, leituras de trechos de obras e projeções visuais que compõem a ambientação cênica do evento. A fachada da Sala Martins Pena receberá projeções de videomapping, e o foyer abrigará uma exposição com editoras, autores e livreiros independentes.

O Prêmio Candango de Literatura recebeu nesta edição quase três mil inscrições de autores e editoras de quatro continentes. Ao todo, 67 finalistas foram selecionados.

Entre os finalistas nacionais, há forte presença de autores do Distrito Federal. Na categoria Prêmio Brasília, concorrem Vinícius Portella (A grande porção de lixo do Pacífico e outros contos), Ana Raja (As dores delas), Gabriela Tunes (Bondade bran-



Divulgação

Festa terá show de Toquinho e Camilla Faustino

ca), Queli Rodrigues (Caos na delegacia), Luíza Fariello (Hoje, deserto), Juliana Monteiro (Nada lá fora e aqui dentro), Bruno Carvalho Arruda (O incerto de sonhar junto), Rogério Bernardes (O menos inocente dos cordeiros), Emil Souto S. (Parte nós só corpos) e Sid (Voos).

No eixo pedagógico, voltado a projetos de incentivo à leitura,

o Distrito Federal é representado por três iniciativas: a Biblioteca Comunitária Roedores de Livros, de Ana Paula Bernardes; o projeto Calangos Leitores, de Claudine Duarte; e a Literatura Cura, de Beatriz Susanne Costa Schwab. Já no eixo editorial, o designer brasileiro Eduardo Carvalho é finalista na categoria Projeto Gráfico, com a obra Bra-

silinda, de Telma Braga.

A presença de autores de diversas regiões, de Pernambuco a Santa Catarina, passando por Goiás, Minas Gerais, Bahia, Ceará, Maranhão, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, evidencia o alcance nacional da premiação e o papel de Brasília como articuladora de expressões literárias de diferentes origens.

Presença internacional

A edição de 2025 do Prêmio Candango amplia sua presença internacional ao incluir autores e projetos de países de língua portuguesa.

Entre os finalistas estrangeiros estão representantes de Moçambique e Portugal. O escritor moçambicano Mia Couto concorre na categoria Melhor Romance com “A cegueira do rio”, publicado pela Editorial Caminho. De Portugal, participa Possidónio Cachapa com “A selva dentro de casa”.

#cm
2
FIM DE SEMANA

Guns N' Roses
encerra turnê
internacional
em Brasília
PÁGINAS 8 E 9



Prêmio
Candango de
Literatura terá
show especial
PÁGINA 16



Festival
Taguatinga de
Cinema em
destaque
PÁGINA 15



Divulgação

Curador do festival, o oboísta Harold Emert participa do concerto de abertura do 15º RioWindsFestival

15ª edição do RioWindsFestival
reúne instrumentistas de
cinco países em 14 concertos
gratuitos que transformam
espaços históricos cariocas em
palcos para a música de sopro

Por AFFONSO NUNES

O Rio recebe, durante todo o mês de novembro, uma programação que consolida a cidade como referência internacional na música de sopro. A 15ª edição do RioWindsFestival promove 14 concertos gratuitos em espaços históricos e culturais, reunindo instrumentistas do Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Uruguai e Alemanha em apresentações que abrangem desde o repertório barroco até composições contemporâneas. O festival, que integra o ciclo Música no Museu Internacional 2025, marca também a celebração do Dia Nacional da Cultura, no dia 5 de novembro, com apresentação especial no Centro Cultural Banco do Brasil. **Continua na página seguinte**

Por Lanna Silveira

Em 2025, o artista FBC – um dos nomes mais proeminentes do hip hop brasileiro – celebra seus 20 anos de carreira em uma turnê nacional: FBC: 20 Anos. O repertório da turnê passa pelos grandes sucessos do cantor desde o lançamento de seu primeiro álbum solo, em 2018, até seu último trabalho, lançado neste ano. O rapper mineiro, também conhecido como “padrim” ou simplesmente Fabrício, construiu uma carreira repleta de hits, marcada pela versatilidade de estilos e pelo forte posicionamento político do artista.

Passado

Apesar de seu primeiro trabalho solo ter sido lançado somente em 2018, o envolvimento de FBC com a música é bem mais antigo. Uma das primeiras influências musicais consideradas importantes para o desenvolvimento artístico de Fabrício foram seus primos, que tinham uma banda punk – da qual FBC assistia a ensaios e gravações. O contato próximo com o rock o fez aprender a tocar bateria, aos 10 anos, e formar a sua própria banda aos 12: um grupo cover da banda de grunge Nirvana.

A afiliação de Fabrício ao hip hop – em especial, ao rap – não surgiu, inicialmente, por um apreço ao gênero; FBC explica que, após se envolver com grêmios estudantis na época do Ensino Fundamental, que o fizeram ter contato com muitas pessoas engajadas politicamente, ele enxergou, no rap, uma oportunidade de falar sobre os problemas sociopolíticos que existiam no Brasil.

Inevitavelmente, FBC acabou se apaixonando pelo gênero e compreendendo todas as implicações sociais do hip hop no Brasil. Essa afeição se formou, de fato, com a entrada de Fabrício na cena urbana do movimento hip hop belo-horizontino: especificamente, no Duelo de MCs, do qual o artista participou consistentemente por cerca de oito anos. Com a vivência na cena, Fabrício entendeu o rap como a resistência de povos marginalizados socialmente, como a comunidade negra e originária.

Presente

Na década de 2010, FBC começa a caminhar em direção de uma profissionalização musical: de 2015 a 2018, o rapper fez parte do grupo DV Tribo,



A turnê 'FBC 20 Anos' passará pelo Brasil até 2026, com um repertório de diferentes eras de sua carreira

A bênção, Padrim!

FBC comemora 20 anos de carreira marcada por hits e posicionamento político

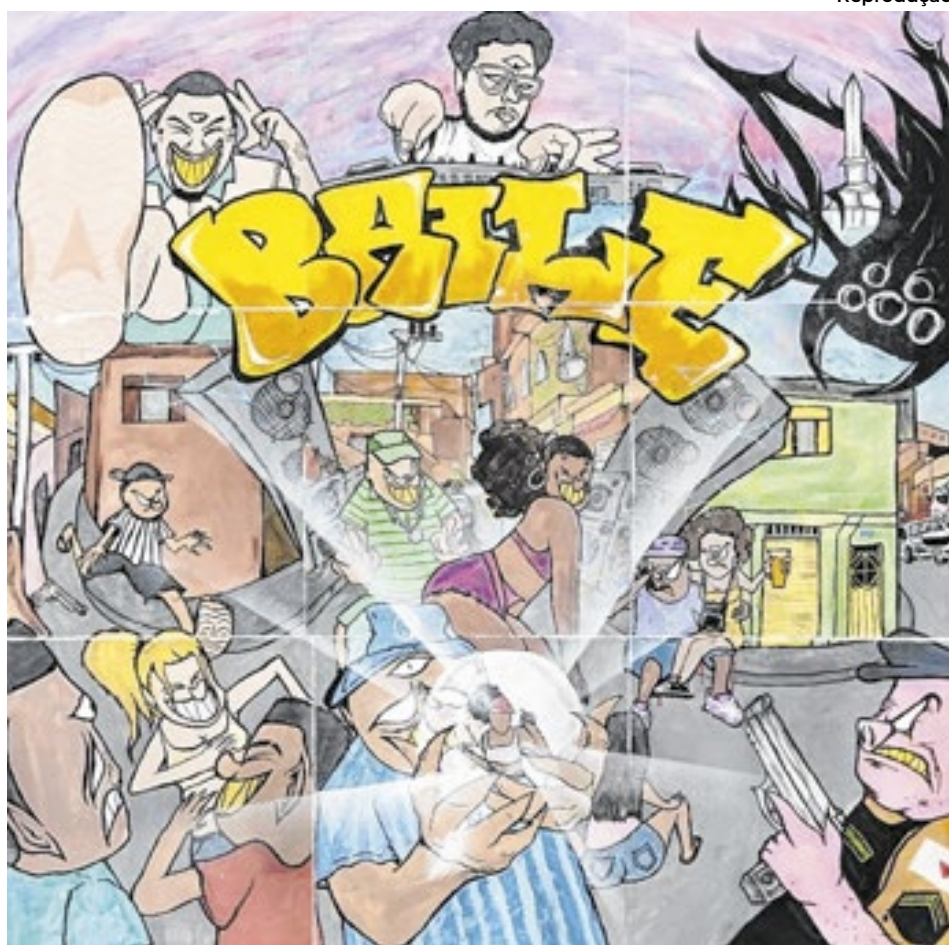
Laura Pace/CSF



A personalidade irreverente de FBC se traduz em suas performances

“O rap é o lugar onde eu mais consigo conversar com a minha comunidade politicamente. (...) O rap veio para mim não como uma oportunidade de fazer música, mas sim como uma oportunidade de fazer política. Além de política, eu conseguiria exercer no rap a função de ser humano; o que eu quero fazer da minha vida, da minha trajetória”

Reprodução



“Baile”, lançado em 2021, foi o primeiro lançamento de FBC a se consagrar na cultura pop brasileira, por meio de hits virais em redes como Tík Tok

Reprodução



“Assaltos e Batidas” é o álbum mais recente de FBC, cujas letras funcionam como um grito de revolta social

com outros cinco artistas da cena mineira. Entre eles, o rapper Djonga, que também viria a se tornar um dos maiores nomes do rap brasileiro. Após o fim do grupo, FBC lança seu primeiro álbum solo, “S.C.A.”, que já demonstrava as bases principais de sua persona artística: a exploração de estilos do hip hop, unidos a letras afiadas que retratam realidades sociais.

Nos anos seguintes, Fabrício emendou uma série de lançamentos. Entre os principais álbuns de estúdio, estão: “Padrim” (2019), que foi seu primeiro trabalho a viralizar nas redes sociais; “Best Duo” (2020); Baile (2021), que trouxe FBC ao cenário mainstream com hits virais como “Delírios” e “Se Tá Solteira”; “O amor, o perdão e a tecnologia irão nos levar para outro planeta” (2023); e “Assaltos e Batidas” (2025).

Fabrício afirma estar em um momento artístico em que a “brasilidade” - tanto no que diz respeito a estilos musicais, quanto a vivências e realidades - está aflorada em seus trabalhos. O cantor, que acredita que a arte é um lugar de evolução, explica que o seu processo criativo é altamente influenciado por um processo de estudo constante que faz questão de manter. Esse estudo não consiste apenas em aprender mais sobre técnicas musicais, mas também conhecimento de mundo e teorias políticas. Como um exemplo, o artista conta que, atualmente, está fazendo a leitura de “Os Jacobinos Negros”: obra que explora detalhes sobre a Revolução Haitiana - a única revolta promovida por uma população escravizada que conseguiu vencer o regime monárquico. “Revisitar o passado é uma evolução musical”, categoriza.

FBC também garante que é um ouvinte assíduo de todo e qualquer tipo de gênero e estilo musical. A diversidade de seu gosto musical se reflete por toda a sua obra, que apresenta diferentes propostas de experimentar o hip hop e a black music, de forma geral. Enquanto álbuns como “S.C.A.” e “Padrim” exploram marcas de estilo do trap, “Baile” é uma ode ao miami bass que dominava as produções do funk melody noventista. “O Amor, o Perdão e a Tecnologia Irmão nos Levar Para Outro Planeta”, por sua vez, brinca com elementos do disco, da house music e do ampiano, remetendo fortemente o soul brasileiro setentista.

Seu álbum mais recente, “Assaltos e Batidas”, marcou o retorno de FBC a

uma sonoridade mais facilmente reconhecida como hip hop pelo público. Com instrumentais com referência forte ao rap noventista, FBC cita como influências da construção sonora do álbum artistas como Cypress Hill, Lords Of The Underground, Das EFX, Wu-tang Clan e Racionais MC’s - que são sampleados diretamente ao longo do disco. Fabrício faz questão de destacar o papel de Coyote Beatz e Pepito, produtores do disco, na criação de toda a estética que envolve o álbum; tanto na imagem, quanto no som.

Tematicamente, o álbum se estabelece como um grito de revolta do povo brasileiro. A crítica social e o posicionamento político marcam presença em todas as letras do álbum; com destaque para “Você pra Mim É Lucro”, que oferece apoio ao recente movimento da política brasileira que pede o fim da escala 6x1, e “A Voz da Revolução”, que propõe uma postura ativa de resistência da classe trabalhadora ao sistema capitalista.

Futuro

Mesmo com um lançamento recente, o público não vai ficar carente de FBC por muito tempo: ainda em outubro, o cantor anunciou um lançamento para 2026: “Os Porcos Vem Aí”. O trabalho, que já está finalizado, será o primeiro de sua carreira profissional a explorar o rock, marcando um retorno de Fabrício às suas origens artísticas. Apesar da falta de representação em sua discografia, FBC se declara como um grande entusiasta do gênero.

Uma pequena prévia da proposta a ser apresentada pelo álbum já foi divulgada pelo artista nas redes sociais: um trecho da canção “Canudos”, cujo instrumental flerta com subgêneros do rock como hardcore, metal e nu-metal. A letra da música, que expõe todas as reivindicações sociais levantadas pela histórica Guerra de Canudos, demonstra a necessidade que o cantor sente em produzir mais um trabalho que dê voz às insatisfações do povo brasileiro.

“A gente [no Brasil] está com raiva de algumas coisas né? A gente precisa desse lugar para [gritar]. Rock, pra mim, é isso”.

Celebração e exploração do gênero

Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

Evento da UFF promove estudo e valorização da identidade de gênero em VR

Como parte do calendário de eventos da Semana da Psicologia, a Universidade Federal Fluminense (UFF-VR) promoverá o evento “Drag-se: fazendo gênero na contemporaneidade”. O evento, que será multidisciplinar, acontecerá na próxima segunda-feira (3), das 16h às 20h, no campus Aterrado da UFF.

A iniciativa, realizada pelo Centro Acadêmico de Psicologia Tatiana Ramminger (Capta), pretende abrir um espaço de diálogo e experimentação sobre as diferentes formas de manifestação do gênero na atualidade.



Evento será realizado nesta segunda-feira (3)

O evento será aberto com uma roda de conversa, com especialistas, sobre a formação do gênero e o ato de performar. Em seguida, será realizada uma oficina prática, conduzida por drag queens e performers convidadas, em que o público presente poderá explorar todas as formas de expressão da identidade de gênero, entendendo múltiplas formas de existência com leveza e criatividade.

Nomes presentes

Para garantir que o assunto seja tratado com dedicação, cuidado e conhecimento, o Capta escalou uma série de pessoas relacionadas diretamente à causa LGBTQIA+.

No âmbito acadêmico, o evento receberá: Rodolfo Santos,

que é mestre em Antropologia, doutorando em Ciências Sociais e presidente do Conselho Municipal de Direitos das Pessoas LGBTQIA+ de Volta Redonda; e Aedan Marques, mestre em Direito e Sociologia.

No âmbito artístico, o evento receberá: Chanel, que foi participante do reality show Drag Race Brasil e é colunista da empresa Desenvolver Inclusão & Diversidade; PK Lopes, multiartista integrante do coletivo ballroom voltarredondense Najah Ball; Tara Wells, drag queen, maquiador e produtor de eventos; e Makayla, drag queen e vencedora do concurso Super Drags, promovido pela casa de festas Auê Clube.

O link para se inscrever no evento, assim como o calendário completo da Semana da Psicologia, está disponível no perfil do Instagram: @semanapsiuff_vr.

ROTEIRO CULTURAL

POR LANNA SILVEIRA

Paulo Pinto/Agência Brasil



Dia das bruxas

A festa de Halloween da Fluxo Entretenimento será promovida neste sábado (1), a partir das 21h, no Clube dos Funcionários, em Volta Redonda. A line-up de atrações da noite contará com a lenda do funk carioca, Mc Carol, além dos DJs: Sandrinho, Bella, Megan, Vic, Durval, Sarah Gomes, Genesttra e Dirty Death. Os ingressos, que estão no último lote, podem ser comprados pela plataforma Ingresso Digital.

Nathan Nascimento



Teatro cômico

O Projeto Giro Andejo, que leva espetáculos artísticos pelo estado do Rio, chega em Barra do Piraí com o espetáculo gratuito “Andejo”, da Em Boa Cia, neste sábado (1), às 16h, na Praça Nilo Peçanha. A peça, que mistura dança acrobática, teatro físico e comédia, apresenta o cotidiano poético de dois personagens que vivem em uma pequena casa — um armário que, aos poucos, revela-se um dispositivo cênico repleto de surpresas.

Reprodução - Redes Sociais



Cena hip hop

O documentário “Rap do Aço” - um registro audiovisual sobre a cena rap de Volta Redonda, produzido por moradores - será exibido no Corredor Cultural de Barra Mansa neste sábado (1), a partir das 17h. Além da exibição, o evento trará pocket shows dos artistas Thiago Ribeiro, Vi100tina, Jessy Rap MC, além da batalha de poesias do Slam da Matriz e batalha de rima entre a Batalha da Aposta e Batalha da Torre.

Divulgação PMI



Música e cerveja

A Prefeitura de Itatiaia promoverá o Penedo Music & Beer Festival nessa sexta (31) e sábado (1), no Campo do Clube Finlandês, em Penedo. Os shows principais serão comandados por Sandra de Sá, na sexta, e pela Banda Blitz, no sábado; ambos às 22h. A festa gratuita também terá apresentações das bandas Paiol, Old is Cool e Versão Brasileira, além do DJ Sandro Dejota. O evento conta com o apoio das cervejarias Penelope, Trevisan e Casa do Fritz.

#cm

2

FIM DE SEMANA

FBC comemora 20 anos de carreira no hip hop brasileiro PÁGINA 8 E 9		UFF promove valorização da identidade de gênero em VR PÁGINA 5		Confira as atrações do fim de semana no Sul Fluminense PÁGINA 5	
--	--	---	---	--	---



Curador do festival, o oboísta Harold Emert participa do concerto de abertura do 15º RioWindsFestival

Divulgação

15ª edição do RioWindsFestival reúne instrumentistas de cinco países em 14 concertos gratuitos que transformam espaços históricos cariocas em palcos para a música de sopro

Por **AFFONSO NUNES**

O Rio recebe, durante todo o mês de novembro, uma programação que consolida a cidade como referência internacional na música de sopro. A 15ª edição do RioWindsFestival promove 14 concertos gratuitos em espaços históricos e culturais, reunindo instrumentistas do Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Uruguai e Alemanha em apresentações que abrangem desde o repertório barroco até composições contemporâneas. O festival, que integra o ciclo Música no Museu Internacional 2025, marca também a celebração do Dia Nacional da Cultura, no dia 5 de novembro, com apresentação especial no Centro Cultural Banco do Brasil. **Continua na página seguinte**